

O ACADÊMICO

ORGAO DE DIVULGAÇÃO DO DIRETORIO CENTRAL DOS ESTUDANTES

ANC III * Nº. 25

AGOSTO DE 1977 — BLUMENAU - SC

Cr\$ 3,00

Porque não saiu o III. Festival Universitário da Canção

PÁGINA 6

Qualquer débil
mental pode
dar aula

PÁGINA 4

Se qualquer débil
mental pode dar
aula, um louco
também pode

PÁGINA 6

Ia. turma de
formandos da
Engenharia

PÁGINA 3

Cartas
Poemas
Sátiras

PÁGINA 2

PÁGINA 7

PÁGINA 11

Entrevista: Educação Literatura, Et coetera

PÁGINA 12

CARTAS

RECIFE PE — Volto para enviar novidades da terra. Há uma nova gestão do Diretório Central dos Estudantes da UFPE e também há o tradicionalmente batalhador D. A. do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Os endereços seguem anexos. Eles estão afins d'O ACADEMICO.

Agora, quero aproveitar para fazer algumas ressalvas ao artigo publicado na seção Sociologia, intitulado "Uma questão de Conscientização". Em primeiro lugar, questiono a afirmação de que as sociedades superindustriais, "elas se caracterizam, primordialmente pela extrema mobilidade vertical (grifo meu) e horizontal". Na realidade, o que há é o mito da mobilidade social sempre apregoado como mecanismo de "justa compensação" dos mais aptos das sociedades liberais-burguesas. Todavia, de sociedade onde cada vez mais aumenta o número de desca- misados e cada vez mais diminuem as mãos que detêm a propriedade dos meios de produção e consequente acúmulo de riquezas, não se pode falar seriamente em "extrema mobilidade vertical", salvo se estamos diante de um artifício sociológico (e apócrifo, é bom salientar) para denominar a progressiva proletarianização das amplas massas e camadas sociais em face do desdobramento monopolista do capitalismo industrial.

A segunda ressalva, é quanto a uma supjaente confusão entre sofisticação e crescimento tecnológico e desenvolvimento social. Não existe "revolução superindustrial". O que existe é um jogo de estrangulamento de forças produtivas para manutenção de mercados monopolizados e (ou) colonizados, alternado com o desdobramento específico de sistemas tecnológicos assaz sofisticados de planejamento e aplicação diretamente voltados para a maximização dos lucros e capitalização de riquezas pelos detentores de sua propriedade. Não há intenção

de humanização no programa tecnológico do grande capital. As vantagens eventualmente decorrentes ou possíveis terão que ser asseguradas e tomadas com vigor e se preciso de assalto pelas camadas sociais exploradas e (ou) proletarianizadas.

O terceiro ponto visivelmente equívoco, é a indevida analogia feita entre os fenômenos de decadência (nos termos spenglerianos) de nossa civilização e a filosofia marxista cuja principal mensagem é "ideológica" é dar uma visão prometeica do homem ou seja, mostrar a realização plena do homem e do humanismo com uma conquista apesar e contra os deuses, como uma superação da alienação social. Uma vista d'olhos na "Ideologia alemã" de Marx, talvez desvendasse certos reducionismos sem dúvida, ideológicos.

Aproveito ainda para enviar também anexo, um poema meu e outro de Francisca P. Lopes. Um pouco de verso nordestino sem afetações regionalistas e afins como aperto-de-mão aos "barrigavertes". MARCELO CAVALCANTI.

LONDRINA PR — antes de tudo, muito grato pela recepção que deram ao meu trabalho sobre Química, inserido no n.º 22 de sua valiosa publicação. Por outro lado, meus cumprimentos por terem atingido dois anos de publicação de "O ACADEMICO". Mas, tomo a liberdade de fazer uma restrição: o título comemorativo foi "Dois Anos Mais Velho". Discordo, pois SOMENTE PODE FICAR MAIS quem já é: e vocês todos são jovens! Portanto, o título que eu escolheria, seria: "DOIS ANOS MENOS JOVEM!"

Hoje recebi o n.º 23. Excelente — já li de ponta a ponta. E deparei, mais uma vez com um trabalho da autoria do meu bom amigo de já inúmeros anos, o professor Augusto Sylvio Prodoehl, sendo,

sem dúvida alguma um dos mais destacados intelectuais catarinenses. Poderiam os Amigos dar-me, oportunamente, informações sobre o seu atual endereço? Há alguns anos nos encontramos e isto debaixo da lendária figueira florianopolitana onde nos detemos em inesquecíveis tertúlias, "badalados", pela suave brisa que quase sempre é sentida na bela Capital, que viu, felizmente, uma das minhas netas nascer...

Cordialmente Professor J. J. PULS

JOINVILLE SC — Há já algum tempo, venho tendo a satisfação de receber em meu endereço esse já importante e premiado órgão de divulgação, sem que me abalasse a fazer algo que retribuísse tão calorosa gentileza.

A leitura do exemplar n.º 23, do mês de junho, e sem que isso tivesse alguma influência cabalística, tomei a resolução de pegar da pena, já indisfarçavelmente enferrujada, a fim de traçar aquelas tão adiadas palavras de agradecimento e solidariedade.

Como uma coisa puxa outra, tal resolução provocou um tênue estremecimento e minha adormecida veia literária, tão furiosamente exercida em tempos de Faculdade, o que teme levou, num supremo esforço, a revisar um antigo conto, dos chamados, de "gaveta", e que afí lhes remeto a título de colaboração, a ver se merece ser publicado. Se lhes interessar, possuio alguns outros, já publicados em jornal, passíveis de serem revisados, inclusive uma série humorística, parodiando as colunas sociais, sob o pseudônimo de "Mudinho Cegueira, o que vê e tudo conta", da qual transcrevo os seguintes espécimes: "No salão do Pica-dau teve lugar finalmente o tão esperado Baile dos Maracós, com o já tradicional concurso de máscaras Madame Cornivota concorreu com original máscara, de gosto semiesco confeccionada em Paris. Mas quem venceu brilhantemente o concurso foi o compadre Zé Arapuca com a máscara mais horrível. O gozado é que o compadre não tava nem de máscara..."

"Acontecendo nestas plagas o praga do Eduardinho Mão Leve, de retorno de sua temporada na Penitenciária Estadual".

"Quem está circulando de veículo novo, uma Monareta incrementadíssima, é o conhecido Joca Pedrada. Acredita-

mos que, como de costume, o veículo não ficará muito tempo em suas mãos, pois o proprietário já deu queixa na polícia".

E por aí adiante... Qualquer interesse, deem uma "dica".

Mas o que importa, realmente, é retomar minha intenção de cumprimentá-los por esse sério trabalho de divulgação do autor catarinense e da nossa cultura, por esses "Brasis" e até, como ficou evidenciado na seção de correspondentes, "além-Brasis". Espero entusiasticamente que continuem com a publicação do "O ACADEMICO" e com a respectiva remessa a este modesto amigo. Um abraço HILTON GORRESEN.

RIO DE JANEIRO RJ — ...CALVÁRIO E PORRES DO PINGENTE AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO ... Aos amigos de "O ACADEMICO" com um forte abraço do JOÃO ANTÔNIO.

EXPEDIENTE

Jornal O ACADEMICO
Caixa Postal 1124
89.100 - Blumenau - SC

FUNDADORES

Oldemar Olsen Jr., Maria Odete Onório Olsen, Fred Richter, Domingos Sálvio Nunes, José Luiz Dias de Souza.

Diretor e Redator
Responsável

OLDEMAR OLSEN Jr.

REDATORES

Maria O. Onório Olsen, Fred Richter, Domingos S. Nunes, Carlos A. Ramos Schmidt, Roberto B. Sant, Sílvio B. de Jesus, Artêmio Zanon, Carlos E. O Bastos.

Divulgação e Relações
Públicas

EMILIO SCHRAMM

COLABORADORES COMERCIAIS

Agradecemos as seguintes firmas, sem o qual nosso jornal não seria uma realidade.

Agrojard, Artex,
Centro Copias,
Diretórios Acadêmicos
Eletro Médica S.A.
Engecop, Flamingo
Livraria Acadêmica,
Mini Mercado e
Fiambreira Globo
Comercial Victor Probst,

toalhas



ARTEX

A moda em toalha

BLUMENAU — Santa Catarina

TELEVISÃO..!

(elogio à cultura)

O leitor verá cumprida nesta coluna o proposto no número anterior (nº. 23) de "O ACADEMICO". Passo a transcrever a primeira correspondência remetida a esta tentativa de "elogiar a cultura" (= televisão brasileira).

O pioneiro colaborador é OTTO JAIME FERREIRA (Blumenau), que "operacionaliza" seu pensamento tecendo sua crítica a respeito da novela da tv globo:

ESPELHO MÁGICO

"Convivendo no drama dos espectadores de televisão que sofrem horas seguidas numa tentativa de encontrar nos momentos de folga, ao menos algum motivo de distração em seu jar, tomo a iniciativa de tecer crítica a uma telenovela denominada de "Espelho Mágico" apresentada pela TV Coligadas (Canal 3 de Blumenau), no horário das 20,00 horas.

Alguém deve se manifestar e "vestir a camisa", seguindo para a frente de luta contra os irresponsáveis exploradores da ingenuidade popular. Como se não bastasse as horas intermináveis de propagandas subliminares e de consequências abusivas aliado ao restolho de alguns seriados americanos, ainda temos o desprazer de apreciar em nossa televisão, em horário de destaque, uma abominável telenovela que nada de útil tem a oferecer.

O "Espelho Mágico" só espelha a falta de imaginação dos seus produtores e tudo que tem de mágico é a capacidade de irritar o telespectador pelo seu tema sem fundamento, mais lhe valendo a intitulação de "O Lixo Mágico".

Foge da minha compreensão como um elenco de renome como o que foi selecionado nesta telenovela, pode deixar-se envolver numa produção mesquinha onde imperam, além de gestos obscenos, um vocabulário grosseiro e indecoroso no diálogo dos atores.

Embora destaque-se apenas pelo custo barato, proporciona aos que a assistem uma idéia de vida nefasta dos atores fora do palco, por conseguinte, quero crer, contrário à impor-

Roberto Diniz Saut

tância de mostrar uma realidade sadia levada por muitos artistas que conduzem suas vidas dentro de um padrão de vida de acordo com a moral e a decência. Se o casal interpretado por Tarcísio Meira e Glória Menezes quer irromper a mística de harmonia conjugal, por certo não deve ir a outro extremo, onde predomina não a liberdade, mas a libertinagem e a imoralidade. Apregoar um relacionamento familiar como o representado, com a intenção de expressar nosso autêntico "modus vivendi" é totalmente ousado e falso, estando completamente distante de costumes brasileiros.

Independente da mensagem que tencionem transmitir, quem é diretamente prejudicado outro não é senão o espectador, que almeja encontrar nos programas de televisão, informações autênticas e um lenitivo para os problemas enfrentados no seu dia a dia. Uma produção dessa espécie torna-se incongruente e conduz os próprios atores, pelo conluio com seus papéis, ao desrespeito à ética e ao bom gosto do espectador, levando-os à deterioração da sua própria imagem perante o público.

Embora idealizar uma distribuição mais equitativa nos programas de televisão para compatibilizar a variedade de gostos, seja ainda luminosa idéia que esteja por acontecer, é mister contestar a proliferação de obras dessa natureza, por não trazerem absolutamente nada que possa melhorar o nível cultural da nossa gente.

Que se explore a massa de incautos, na procura excusa de interesses financeiros em favor de pequena minoria, mas ao menos se lhes dêem um retorno ao divulgar os fatos de maneira construtiva e portanto conciliável com o nosso propósito de desenvolvimento".

(Otto Jaime Ferreira)

ADENDO: Importante se ler o que Luis Rosemberg Filho escreve no jornal "VERSUS" (ano 2 — nº. 11). Título: "O MITO FABRICADO NA TV COMO INSTRUMENTO DE REPRESSÃO". (nota da coluna) Pt SAUDAÇÕES.

Engenharia: o primeiro passo para a formatura

Nós chegamos aqui em Blumenau em 1973, oriundos de Curitiba, São Paulo, Rio Negro e um sem número de lugares do próprio estado de SC. Constituímos a primeira turma de Engenharia da FURB, enfrentando um vestibular que continha 318 candidatos para 80 vagas, talvez o mais concorrido até os dias atuais (em termos de FURB).

Agora, após cinco anos de estudos e muita luta, temos 33 elementos prováveis que irão ter os seus esforços coroados de êxito com a formatura.

Foi organizada uma Comissão de Formatura constituída pelos seguintes elementos:

Carlos Roberto Machado,

César Moritz
Fred Haertel,
José Emilio Trilha Ribeiro,
Márcio Stofella,
Vera Rodacki Gomes,
Vladimir Valendowski,
Wilson Junks.

O presidente da Comissão é o professor de metodologia científica da FURB, Almerindo Brancher.

Foi criado e desenvolvido um sistema para arrecadar fundos para a formatura, além de uma pequena contribuição do DCE no valor de Cr\$ 4.000,00, foi elaborado carnês de rifa (um Volkswagen) e para o elemento que conseguir vender mais, será dado um televisor. Foram fei-

tos bilhetes de 10, 50 e 100,00 cruzeiros para atender a todas as classes sociais. Extração da rifa será no dia 29 de outubro.

Eis o programa para o dia 15/12/77.

- 1 — entrega dos diplomas,
- 2 — Coquetel,
- 3 — churrascada de confraternização,
- 4 — Baile de Formatura,
- 5 — Missa.

Evidentemente que este programa não está na ordem de acontecimentos, mas em síntese é o que vai ocorrer.

Mesmo em se tratando de uma formatura, não se pode contar com a colaboração de

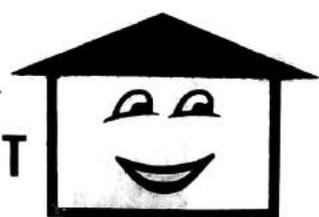
todos esta é uma afirmação dos elementos da CF.

O egoísmo é tanto que, ninguém pensou ainda no reconhecimento da Faculdade de Engenharia... Mesmo na desgraça eles preferem sucumbir com o próprio individualismo e a empáfia ridícula de terem expirados sozinhos. Mas o consolo, se é que serve, estes elementos são minoria dentro de uma minoria.

Agora, rapazes, vamos trabalhar para que o nome da FURB empresta um pouco mais de luz para estes cérebros brilhantes para que se não ofusquem com o reflexo do próprio brilho.



FAÇA SUA CASA SORRIR
COMPRANDO NO PROBST



"Qualquer débil mental pode dar aula"...

Lauro Oliveira Lima é um dos precursores da implantação das teorias de Piaget no Brasil. Cearense de Limoeiro do Norte, 54 anos de idade, foi diretor do ensino secundário no país, diretor da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário e mentor de uma série de empreendimentos na área educacional realizados em vários es-

tados brasileiros até 1965. Respeitado como um dos maiores pedagogos — até mesmo por seus adversários conservadores —, ele esteve em Florianópolis, onde ministrou um curso sobre "Dinâmica de Grupo Empresarial", no IBAGESC, tendo concedido entrevista a "O Estado".

Eis algumas de suas idéias:

... "Ao invés da escola ser um xerox, reprodução do que já foi dito, já feito, ela... deve ser um processo de desafio permanente da criatividade, da construção da consciência crítica. (...) O melhor é aprender o que acontece agora com consciência crítica, já duvidando de que aquilo está certo, porque quando lhe apresentarem um novo conhecimento você estará psicologicamente preparado para entender".

... "Todo professor deveria, imediatamente após a aula, pelo regulamento da universidade, ser criticado pelos alunos. Todos os alunos que ouviram a aula deveriam criticá-lo. Desta forma criaria-se um sistema permanente não só de crítica ao conteúdo como à didática, à metodologia... É o que a gente chama de "feedback" em cibernética. Ou seja: a retroalimentação da minha própria ação".

... "O professor nunca é criticado. Em todos os meus livros falo mal do professor apesar de ser professor, sempre ter trabalhado no magistério, admirar essa profissão. Esse negócio de aula é uma m (*), uma coisa incrível... qualquer débil mental pode dar aula, dizer as maiores tolices e pronto. O sujeito está protegido por todo um sistema e não se pode tocar no cara. Ao contrário: o objetivo não é aprender? Então por que não deixar funcionar o "feed-back" até que o professor se aperfeiçoe? É por isso que o sistema escolar tende sempre a decair. A maioria dos professores acha que não deve ser criticado pelos alunos. Porque? Porque não tem segurança, não tem competência".

... "Todo sistema em que não há crítica cria um estado de apatia geral. Isso que está acontecendo é um desperdício de matéria-prima espetacular. Afinal, o sujeito tem 14 bilhões de neurônios dentro da cabeça".

... "Todo sujeito que completa 18 anos deve ter sua vida política como a Constituição prevê. E se a elite do país é justamente a juventude universitária,

esses caras é que deveriam dar as diretrizes para todos os outros. Mas pelo menos eles deveriam estar se aperfeiçoando. Ao menos não deveriam aceitar aulas expositivas evidentemente incapazes. (...) Os meninos ficam dizendo que não estudam porque é ruim e tal. Ora, eles que se reúnam, promovam dinâmica de grupo, debates, leiam livros... O sujeito de 18 anos já não precisa mais de professor, e sim de biblioteca, laboratório. Esse negócio de dizer que não aprende porque o professor não ensina é coisa de guri pequeno".

Solicitado a qualificar a reforma do ensino implantada no país através da Lei 5.692, afirmou: "Um equívoco. Basta saber que ela diz que profissionalizou o ensino no Brasil. Ora, para implantar estruturas escolares com a finalidade de profissionalizar o ensino — comprar máquinas, etc. — precisaria o orçamento da República durante 20 anos. Estão é brincando. Colocar no papel que está tudo profissionalizado...? Em Belo Horizonte, por exemplo, existem 32 cursos de secretariado. Isso quer dizer que o mercado brasileiro está abastecido de secretárias até o ano 2.000, só, de mineiro. (...) Essa lei é uma farsa e o que está havendo é uma palhaçada geral. Todo mundo dizendo que está profissionalizando guia de turismo, servente de hotel... Profissionalização é um negócio sério, é para o sujeito produzir dentro das fábricas, dos escritórios..."

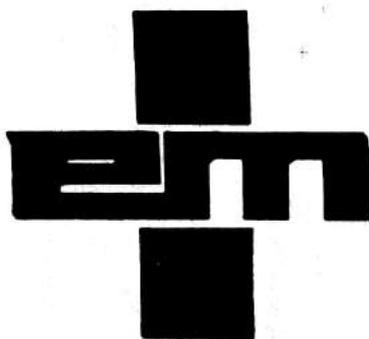
Falando sobre o interesse que o governo tem demonstrado em implantar o ensino pago nas escolas públicas, disse: "É tolice. Se o governo precisa de dinheiro, o mecanismo é o imposto. Para que criar uma tesouraria lá na universidade e ter gastos com estes serviços? Isso é primário. E não existe na verdade, ensino gratuito. Todo serviço é pago por alguém. Para o "seu" doutor, quem paga os estudos? Foram todos os brasileiros que trabalharam e pagaram impostos. Então não veio porque se pre-

tende complicar. E eles sabem. O que eles querem é criar confusão".

E definindo a universidade brasileira: "Uma caricatura da americana. Quando se quis fundar a primeira universidade, um homem inteligente, em São Paulo, mandou buscar vários franceses da Sorbonne. Agora veja: no interior de São Paulo há uma série de faculdades. Quem é que ensina? É o juiz de Direito, o padre, o médico... Temos que criar grandes concentrações. Nos EUA há universidades com mais de 100 mil alunos. Por que então espalhar esse negócio sem ter professor? Se há um cara que é excelente professor, 10 mil alunos devem ouvir a aula dele. Para isso há televisão".

E dos professores: "O vício canceroso é a aula expositiva. Ninguém dá aula desse tipo em parte alguma. Só aqui".

E mais adiante: "Se o professor, ao invés de dar a prova no fim do ano desse-a no dia 1º de março, ficaria sabendo a ignorância de todo mundo e ia ensinar aos ignorantes. O que adianta dar a prova no fim do ano se já terminou o ano? Ao invés do professor falar, o aluno deveria falar; ao invés da secretaria da escola exigir coisas, deveria ficar em função da vida escolar... Esse esnobismo dos professores com falsa ciência, colocando banca, também deve acabar... nós não temos tradição cultural nenhuma. Vamos ser humildes, subdesenvolvidos e honestos. Nas teses eles nunca citam os livros brasileiros. Eu jamais fui citado em teses, embora escreva, escreva. Eles citam livros russos que nunca leram porque não sabem russo. Então o livro caboclo, tupiniquim que a gente faz aqui com a maior força e tal não aparece. Mas se você for ler o texto da tese acaba vendo que tudinho foi copiado do nosso livrinho. Isso tudo é bobagem. Temos que ser mais humildes e reconhecer que somos subdesenvolvidos. Uma boa medida é virar tudo do avesso, e que melhoraria muito".



ELETRO MÉDICA S. A.

FABRICA MÓVEIS HOSPITALARES COM ELEVADO PADRÃO TÉCNICO E ESMERADO ACABAMENTO. LINHA COMPLETA DE MÓVEIS HOSPITALARES, PARA CONSULTÓRIOS MÉDICOS, SALAS DE OPERAÇÃO, SALAS DE RECUPERAÇÃO.

Rua Iguazú, 89 - Tel.: 22-4099 - 22-1868 - 22-4956 - C.P. 488 - 89.100

RIUMENAU

SANTA CATARINA

Em Santa Maria, manifesto condena domínio das empresas estrangeiras

Cinco diretórios de estudantes da Universidade Federal de Santa Maria, assinalaram ontem o "Dia da Independência", com a distribuição de um manifesto nacionalista nas filas de ônibus para o campus da UFSM, e na cidade universitária, em Camobi. Lembra o documento a dominação das multinacionais na economia brasileira e que a

manhã nosso País comemora 155 anos de independência política. O dia vai ser feriado nacional e nós todos, durante as 24 horas deste dia, podemos pensar e discutir sobre o nosso País".

O manifesto, denominado "Sobre os ventos, os cataventos", é assinado pelos diretórios do Centro de Ciências Rurais,

Centro de Educação Física, Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Administrativas, Faculdade de Enfermagem Ana Nery e Diretório Setorial Villa-Lobos, do Centro de Artes. Durante a distribuição do documento não se observou a presença de policiais como de outras vezes, em que dois estudantes chegaram a ser presos pela Polícia

O manifesto estudantil diz: "Nesta quarta-feira, começaremos a acordar. O sabonete, a lâmina de barbear, o barbeador, a toalha, a torneira, o chuveiro, o xampu, a água de colônia, o perfume. No quarto, vamos ver: bico de luz, livros, remédios, plásticos, metais, sons, gravadores, discos, cigarros, mais roupas, todos os aparelhos elétricos, canetas, trincos de porta, colchão de espuma, prendedores.

Na cozinha, no café, olhamos os alimentos. A geladeira, a torradeira. O liquidificador, a batadeira, o fogão, a torreira, o "catavento" exposto ao lado do prato para nós, no vento, vê-lo girar pela nossa independência. Observamos de novo os alimentos, a marca dos enlatados, a marca dos ensacados, a marca dos talheres, a música que toca em nossa rádio, a marca de nossos relógios. Pegamos o catavento. A hora é de sair para a rua, ver como está o dia de nossa independência.

Se formos de carro, observamos a marca dos pneus, a marca do rádio, a marca da poltrona, a marca de mil e uma virola que o enfeitam, a gasolina que corre pela má-

quina — que marca é a máquina do nosso carro? — colocamos o "catavento" pela ventarola, o vento gira suas quatro hélices verdes e amarelas.

Se formos de ônibus, observamos isso. Que marca tem o ônibus, que procedência é o asfalto, o que usam os que conosco viajam no ônibus, a marca dos cigarros, dos plásticos que nos adornam, das químicas que transformam as matérias, a marca das matérias na mão. O vento continua nosso".

"Na rua, o desfile. Prestem atenção na cadência das bandas, tem a cadência francesa, inglesa, americana. Hoje, é quarta-feira, é o dia de nossa independência. Independência que era impossível falar, seus mentores presos, mortos, deportados, Tiradentes esquarterado. A colônia continuou com fome, saúde precária, dependente de decisões distantes. Mas hoje, já é quarta-feira, é o dia de nossa independência. Finalmente conseguida. Mas os estudantes presos, os jornalistas censurados, os operários pobres, menores marginais, assaltos, problemas habitacionais, fomes,

saúde precária, ainda existe. As decisões não são mais de fora distantes. Mas a dependência ainda continua. Dependências econômica, dependência tecnológica.

Na universidade pensamos em nossa independência. De onde vem as "teorias de ensino" que nos ensinam? Dos laboratórios distantes do estímulo resposta. Da "reforma universitária". Dos alunos impedidos de concluir, já no final, os cursos que foram permitidos fazer. Dos trinta bilhões de dólares de nossa dívida externa e da inflação de quarenta e poucos por cento. Dos enlatados na televisão, dos enlatados no cinema, dos enlatados de nosso almoço, dos enlatados de nossa educação e cultura.

Quando a banda, já desfilando, trocar a cadência, firmamos os "cata-ventos". Podemos entoar um ato de contrição patriótica. Com letra do ex-ministro Severo Gomes, que publicou o poema em seu livro "Tempo de Mudar". A música pode ser a mesma que a banda estiver tocando, a letra é a seguinte:

"Fumo, 100 por cento em

mãos de multinacionais / vestuário, cinquenta por cento em mãos de multinacionais / material de transporte, 97 por cento em mãos de multinacionais / farmacêuticos, 93 por cento em mãos de multinacionais / aparelhos elétricos e de comunicações, 76 por cento em mãos de multinacionais / plásticos, 70 por cento em mãos de multinacionais / borracha, 66 por cento em mãos de multinacionais / minerais não-metálicos, 60 por cento em mãos de multinacionais / alimentos, 54 por cento em mãos de multinacionais / química, 51 por cento em mãos de multinacionais / diversos, 66 por cento em mãos de multinacionais / todos os setores, 55 por cento em mãos de multinacionais".

Firmamos os "cata-ventos". Repetimos o poema. Quarta-feira é o Dia de Nossa Independência. É o dia dos ventos, nossos ventos, girar os nossos "cata-ventos".

Ao centro deles, gira calmo o símbolo da Coca-Cola.

"DAAN, DACEF, DACER, DSVL, DADECA — Santa Maria — RS".

Extraído do Jornal Folha da Manhã —

P. A., 7/9/77



Flamingo

CAMA — MESA — BANHO — MALHAS — CRISTAIS

BLUMENAU

ITAPEMA

FLORIANÓPOLIS



AS CÓPIAS SÓ SUPERADAS
PELOS ORIGINAIS.

Centro Cópias Ltda.

Cópias Heliográficas — Xerox — Plastificações
de documentos em geral

Rua Floriano Peixoto, 89
LOJA 3 — Fone: 22-3215

BLUMENAU

SANTA CATARINA

Porque não saiu o III. Festival Universitário da Canção

Uma explicação é necessária. Não para satisfazer a imaturidade sarcástica de olheiros acomodados mas para locupletar os anseios penitentes daqueles que sentiram mais por essa promoção de menos.

Quando em 1975 realizamos o Iº. FUC, tínhamos à guisa de crítica o pretexto do pioneirismo; não fomentamos uma dependência inoportuna, muito embora precisássemos de ajuda, por isso nada temos a lamentar.

Em 1976 fazíamos parte de um esquema em que juriconsultos e imperitos acadêmicos subscreviam algumas laudas de papel ofício grotescamente timbrados, parafraseando uma série de protocolos e uma filigrana de imposições sutilmente dissimuladas nas entrelinhas daquele primor de datilografia cognominado: contrato. A dita matéria, arrualhada burocraticamente pelos escravocratas impunha a realização do IIº. FUC e a exclusividade do IIIº. a ser desenvolvido no ano seguinte pela mesma emissora de Tv.

Agora, quando fomos cobrar aqueles termos carinhosamente arquivados, encontramos ao invés do antigo e pouco formal representante um outro que somente se lhe equiparava pela estatura, deixando muito a desejar pelo atendimento e pelos poucos conhecimentos do primitivo compromisso, qual seja da realização do IIIº. FUC.

Afirmando ignorar os termos do contrato e sempre pretelando uma reunião com a diretoria da Tv Coligadas, alegando que era muito difícil encontrar o boss... O tempo foi passando... Quando tomamos a iniciativa de elaborar os cartazes (a arte final foi feita no dpto. de artes da Tv Coligadas) e tivemos inclusive um slogan: Música — a nova força, dado pelo próprio representante e intermediário das negociações que atende pelo bizarro nome de Jean Carlo, tivemos a tardia e inesperada afirmação de que eles não iriam dar cobertura e nem promoveriam o IIIº. FUC por diletantismo financeiro... já tínhamos então uma cópia do cartaz (que estaria pronto algumas horas depois) faltando somente a impressão de uma cor.

Houve uma tentativa de remediar o excesso de gastos insinuando pelo intermediário, mas não houve condições de demover a idéia fixada não realização do IIIº. FUC. Quando fomos reler o contrato percebemos toda a ingenuidade daqueles que tinham assinado o primeiro anteriormente: nós tínhamos assegurado a eles a exclusividade mas nada havia sobre a possibilidade de eles recusarem-se a promover em 1977 o IIIº. FUC.

Muito bem, não pedimos uma autorização deles para mandar confeccionar os cartazes (muito embora a arte final tenha sido realizada dentro do destacado e abagunçado dpto. de artes da Tv coligadas e muito embora tenha havido um slogan sugerido pelo mesmo intermediário e que autorizou a impressão dos cartazes).

Isso significa, em outras palavras, o que o DCE teve que arcar com uma despesa não inclusa em seu orçamento, pois se tratava de uma dívida deles (Tv Coligadas).

Após o incidente, pouco tempo sobrava para arranjarmos outros promotores e para confeccionarmos novos cartazes.

Entramos em contato com elementos da TV CULTURA em Florianópolis e houve até esse deles em promoverem o IIIº. FUC, mas não esse ano.

Recuamos para dar um pulo maior. Independente da no a diretoria do DCE, gestão 77/78, no ano vindouro sairá o IIIº Festival Universitário da Canção em data diferente das já escolhidas para que não haja coincidência e para que certos aniversários não sejam mais lembrados.

(Oldemar Olsen Jr.)

— Presidente da Comissão Executiva —

COMUNICADO

As matérias inseridas neste jornal podem ser reproduzidas no todo ou em partes, desde que citada a fonte.

Se um débil mental pode dar aula, um louco também pode...

PROFESSOR — Definição: é o aluno que chegou antes.
Obs.: "Depois que inventaram a muleta, qualquer excepcional encontra uma desculpa"

Um grupo de nove alunos do curso de Engenharia Civil em nível de quinto ano discorda dos critérios adotados pelo professor de Construção de Edifícios I em nível de IX semestre com relação as notas atribuídas em um trabalho dado em classe.

O descontentamento iniciou quando, na correção de um projeto para simples aprovação na prefeitura, foram levados em conta, nada menos que 100 itens que não foram explicados na orientação dada pelo professor antes da confecção do trabalho. Também não foi permitido aos alunos avaliarem seus erros no próprio projeto. Segundo um dos réus (condenados pela correção) a FURB deve possuir uma sumidade em Projetos Arquitetônicos porque o medo da concorrência, quero dizer o rigor da correção não poupou até mesmo elementos com larga experiência no ramo.

A segunda fase da paranóia docente foi aperfeiçoada com a correção da prova final... Os alunos resolveram mais da metade da prova, pois a mesma era de fácil entendimento. Alegria que durou pouco, segundo o réu (reincidente e surpreendido novamente pela correção). Com a publicação das notas, a surpresa foi geral, a média do grupo era de 3,50.

Um dos réus, não querendo abusar da paciência dos juizes, desafia alguém a atender o complexo de perseguição — ver Psicopatologia da vida cotidiana, Freud — do mestre

ao anular questões com erro de aproximação na casa de 0,01 (centésimos).

O mesmo professor teve sérios problemas de relacionamento com os alunos (professor — o inimigo comum, livro que alguém está escrevendo em algum lugar do mundo).

Acreditamos que dentro do magistério deveria acontecer uma coexistência pacífica (isto já é política)... Então, uma empatia (agora sim) em relação aos problemas comuns.

Sendo o professor um profissional e nós, engenheiros em vésperas de formatura... Seria de se esperar uma orientação técnica dentro da ética (ciência da moral) para aquilo que pretendemos ser.

Lamentavelmente só houve orientação técnica, porque em termos morais houveram mais conflitos ideológicos e sublimações anímicas do que visões profissionais. Dentre os conflitos poderemos citar:

— Acusação infundada de tentativa de suborno de um elemento que trabalha (trabalha) em seu escritório para obter o ante projeto e a primeira prova mensal.

Difamação da Faculdade de Engenharia, falando em local público que os acadêmicos em nível de IX semestre não sabem resolver uma questão do 2º. grau.

As acusações carecem de provas. Nós temos (ver os nove réus), mas e o senhor, velho mestre?

GRUPO DOS NOVE

CALCULADORAS CIENTÍFICAS
E FINANCEIRAS

HP-21, HP-22 e HP-25



ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA

COPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX

ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.

Rua Nereu Ramos, 157 — Fone 22-2296
Blumenau Santa Catarina

ACADERNO ESPECIAL

E isto também haverá de passar

Recado para a avozinha

(Teresinka Pereira)

Esta manhã, quando acordei
o mundo estava de cabeça para baixo.
Que coisa mais estranha...
Dei um sorriso amarelo
e corri à janela para espiar a rua...

A rua estava se retorcendo
de riso
porque parecia tão romântico
sentir-se no céu e estar ao mesmo tempo
passeando sobre ele ...

Pois bem, disse eu: vou avisar a avozinha
que sua profecia se realizara:
finalmente, no dia 28 de junho
o mundo virou de pernas para o mar
e nós todos dentro dele!

Retorno

Pedro A. Grisa

Avalanche humana

Ave lanche

Eva-lanche

Ave-lancha-humana
Eva-lancha-humana

Me carrega, Eva,
na tua lancha
Me dá, Eva,
o teu lanche
Lanche, Eva,
na tua lancha

Deixa, Eva, a
avalanche humana
corre desumanada
adeus-manada

E nós, Eva?
Nós lanchando
a maçã, Eva.

Brasília, 28-4-77

Receita grátis

Artemio Zanon
(Urussanga — SC)

A poesia, no fundo no fundo,
é o remédio final
para todos os nossos males.

Sombra fonte
porta albergue
torre ermida...

Na dança de pássaro e verme
na dança de anjo e homem
dentro do mesmo barco
sobre o mesmo chão.

... fogo filtro
templo luz
asa sopra...

No fundo no fundo
a poesia é o remédio final
a todos os nossos males.

Inquietação de um pensador

Por Oldemar Olsen Jr.

Estático, ante tamanhos volumes,
Indago-me nas páginas que leio,
Na presença de que existencial meio,
Pode tal Ser pintar esses costumes?!

Vejo a morte lenta dos vagalumes
Incorporando-se no rico seio
Da terra e, nas páginas que folheio,
sei da força profícua dos estrumes.

A expansão voluntária da incerteza
É mais superior do que o humano grito
E eu, discordando dessa Natureza,

Insurjo-me do cético abandono
E, conjuntamente com Sartre admito;
A insatisfação do fenómeno humano!

Ultima nota da sinfonia real

Roberto Diniz SAUT

lábios suaves das damas
acariciam os pés dos indigentes.
arbustos
verdes arbustos
crescem na terra seca

e leite
branco leite
jorra do animal minguado.

luzes metálicas surgem na noite
e dizem serem o sol do universo social.
sombrias espíãs perambulam nas estradas
confirmando insuspeitas.

comem os famintos
pão do lixo
e apodrecem nas valas.

tomam os sedentos
água do rio comercializado
e amanhecem mortos.

sorrisos encantados
cumprimentam os inimigos.

selvagens flores
das montanhas
coloridas flores dos campos
enclausuradas flores da cidade
amordaçadas
murcham.

peçoas apenas vivas
erguem ao céu úmidos olhos
agonizantes.

cães latem a razão
e a razão abandona os raciniais.

braços são arrancados dos transeuntes
lacrados em pacotes
enviados para o laboratório experimental.
cérebros partidos flutuam em conserva
nos bares.

pernas em sangue
enforcadas nas árvores.

homens livres mas calados
despedem seus princípios.
alarme aos quartéis hospitalares:
a verdade declara-se derrotada!

ESCRITA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA
Rua Monte Alegre, 1434
05.014 — São Paulo — (SP)

FICÇÃO

HISTÓRIAS PARA O PRAZER DA LETTURA.
Rua Itamonte, 50
Rio de Janeiro (RJ) — 20.000.

Fantoches

Edith Kormann

Somos sórdidos fantoches
deste palco gigantesco,
onde nos representamos
espetáculo grotesco
dirigido pelas Parcas.
Cansados das Palhaçadas
dos risos e dos deboches,
com as vidas desgastadas,
somos jogados em arcas
como lixo fedorento.
E neste mundo dantesco
do qual nos participamos,
somos todos uns fantoches
do imenso palco do tempo!

Ventus hydus

Foi-se um vento de tanto varrer,
de gastar as delicias do éter profundo,
de trocar o enredo de caros instantes,
de soprar as mágicas de velhas heranças
e sentir os pesados semblantes do mundo;
pois, assim, encontrei o nada ser.
Hoje, vou viver o pensamento,
quando cair, carregue a cruz.

Belo Horizonte — M G
Marcus Mendra
28.01.77

Tempus hydus

Houve um tempo de muito querer,
de tentar as caricias do eterno veludo,
de tocar o segredo de raros brilhantes,
de sonhar os mistérios de belas estrelas
e seguir as pegadas marcantes de tudo;
mas, então, descobriu o nada ter.
Hoje só preciso de silêncio;
quando sair, apague a luz.

11 — 01 — 77

Os hóspedes

Chegaram os dois numa tarde de verão; a ta-
buleta do hotel refletia a sua imobilidade monó-
tona, ferida pelo brilho massacrante do sol.

Marido e mulher — dardejavam as caricias
no olhar hesitante.

— Ainda tem quarto de casal?

Tinha; cidade pequena, não havia contróle
rigoroso de hóspedes, cuja maioria era de viajan-
tes comerciais, armados de sua retórica algo so-
fisticada, erigida por três anos de primário e pe-
la vida: amálgama de xis e esses pegamentos, a
que as domésticas acorriam como mósicas.

Ele era médico recém formado; tencionava
abrir clínica nos arredores.

A mulher possuía uma beleza vivida, sem
gestos e sem palavras, ressaltando umas linhas
de ressentimento no rosto ovalado.

Saía muito, o médico, abandonando-a nu-
ma solidão inacessível; debruçava seu silêncio e
seu mistério na janela do quarto, tendo como
única ocupação abanar os possíveis insetos que
lhe rondavam a pele delicada.

Porém, tal como inseto maior, o viajante Jor-
ge, tranqüilo e paciente, rondava o seu quarto,
arrastando os pés, como a tarde, ali, arrastava os
seus grilhões.

O marido ausentava-se por alguns dias; ia
tratar da localização de sua clínica num povoa-
do vizinho. Jorge ansiou a hora em que ela cos-
tumava levantar-se, e lá ficava a esperar na sai-
da do toailete...

Não se enganara ele; a mulher sentia-se só,
furiamente só; verificava pela sua voracidade,
quase lhe estracalhava as orelhas e o pescoço
com os dentes miu...

Passou-se um mês e o médico ainda não ha-
via regressado. Deixara-a completamente sem
dinheiro, aflição e espera nos olhos lânguidos.

Comunicaram-se com o povoado; ninguém o
conhecia, "desgraçadamente, não havia nenhum
doutor novo". Forçada pelos donos do hotel, a
mulher confessou, numa voz ressentida: "Dou-
tor coisa nenhuma nem marido era". Conhece-
ra-o na sua miséria iludida por promessas, misé-
ras e enganos; acompanhou-o ingenuamente —
"um vigarista desgraçado" — até saber quem ele
era. Mas, longe de sua terra, não tinha outro
jeito senão prosseguir agarrada a ele — sua ver-
gonha e sua sobrevivência — tocar prá frente
aquela miséria de via. Agora, desaparecera, o
miserável. Ateou o choro convulso, esmagada
pela desconfiança e cupidéz dos olhos ao redor.

No outro dia, o hotel ganhava nova copei-
ra, triste e resignada.

Hilton Gorresen
Joinville-SC

Mini Mercado Fiambreteria Globo

Rua XV de Novembro, 1464
(em frente ao Banco do Brasil)

Fone: 22-5036

Blumenau Santa Catarina

ENTREGA A DOMICILIO



O ACADEMICO

Os hóspedes

Chegaram os dois numa tarde de verão; a tableta do hotel refletia a sua imobilidade monótona, ferida pelo brilho massacrante do sol.
Marido e mulher — dardejavam as carícias no olhar hesitante.

— Ainda tem quarto de casal?

Tinha; cidade pequena, não havia contrôre rigoroso de hóspedes, cuja maioria era de viajantes comerciais, armados de sua retórica algo sofisticada, erigida por três anos de primário e pela vida: amálgama de xis e esses peganhentos, a que as domésticas acorriam como moscas.

Ele era médico recém formado; tencionava abrir clinica nos arredores.

A mulher possuía uma beleza vivida, sem gestos e sem palavras, ressaltando umas linhas de ressentimento no rosto ovalado.

Saía muito, o médico, abandonando-a numa solidão inacessível; debruçava seu silêncio e seu mistério na janela do quarto, tendo como única ocupação abanar os possíveis insetos que lhe rondavam a pele delicada.

Porém, tal como inseto maior, o viajante Jorge, tranquilo e paciente, rondava o seu quarto, arrastando os pés, como a tarde, ali, arrastava os seus grilhões.

O marido ausentava-se por alguns dias; ia tratar da localização de sua clinica num povoado vizinho. Jorge anotou a hora em que ela costumava levantar-se, e lá ficava a esperar na saída do toalete...

Não se enganara ele; a mulher sentia-se só, furiosamente só; verificava pela sua voracidade, quase lhe estraçalhava as orelhas e o pescoço com os dentes miúdos.

Passou-se um mês e o médico ainda não havia regressado. Deixara-a completamente sem dinheiro, aflição e espera nos olhos lânguidos.

Comunicaram-se com o povoado; ninguém o conhecia, "desgraçadamente, não havia nenhum doutor novo". Forçada pelos donos do hotel, a mulher confessou, numa voz ressentida: "Doutor coisa nenhuma nem marido era". Conhece-ra-o na sua miséria iludida por promessas, miséras e enganos; acompanhou-o ingenuamente — "um vigarista desgraçado" — até saber quem ele era. Mas, longe de sua terra, não tinha outro jeito senão prosseguir agarrada a ele — sua vergonha e sua sobrevivência — tocar prá frente aquela miséria de vida. Agora, desaparecera, o miserável. Ateou o choro convulso, esmagada pela desconfiança e cupidéz dos olhos ao redor.

No outro dia, o hotel ganhava nova copeira, triste e resignada.

Hilton Gorresen
Joinville-SC



O ACADEMICO

Devaneio

Num instante,
duas gotas verde-esmeralda
vivas, reluzentes
inundam minha mente.
Quedaram.
Nos lábios, estampado
um sorriso entreaberto
misto de afeição e desejo.
Sem palavras.
A face inteira, cantigas,
doce melodias trazidas
de além-mar,
de ventos sulinos,
de céus distantes,
de ondas espumantes.
A brisa sopra,
roça em meus lábios,
cálido, terno beijo.
Me alojo em teu peito,
desperto.
Tu já não estás.

Izabel Pavesi
Blumenau-SC.

Os americanos

(Teresinka Pereira)
Colorado — USA.

Meu avô e eu falávamos
da magia da América
desta terra aberta ao amor
com espaço e maravilhas para todos.

Quase todos vieram de lá...
e sua saudade dos velhos caminhos e das velhas casas
nunca enturvou a alegria destes montes novos
cheios de luz, esperanças e futuros.

Falávamos como americanos
com sobrenomes mudados para fazerem-se novos
e mais americanos.
Meu avô ensinou-me a ser americana
embora que ele mesmo tivesse suas raízes na Europa
e ele mesmo havia esquecido seu nome
em homenagem a este mundo jovem
onde tantos chegaram anônimos
para reinventar uma vida mais larga e mais sonhadora

Poema ilusorio

Assim,
a noite se foi.
Uma luz tênue e rósea
qual quimera outrora cobiçada
afiorou feito sonho
num infimo raio emanado
no horizonte longinquo.

Meu ser esquecido e atrofiado
Embragado no submundo das andanças,
mortificado; elevou-se anestesiado
em mil mundos.

Gratificado, sentiu como ave
saltitando as alturas dos sonhos sonhados.
Pisando em degraus da escalada da vida.
Cortejando os castelos. Surrupando
das gentes canções, amores, favores,
encantos e utopias.

Qual alegria de pierrot em
festival de cores, luzes, alucinações.
Como divino orvalho sobre rosas na manhã
belezas infinitas de paraísos em flor.

Nada mais.
A glória de vencer.
Sorrisos de transeuntes, consolo
de mil noites em claro, pesadelos.
Mil lutas ferozes, sangue esvaído,
cruzes, feridas abertas no caminho.

Farrapo escravo das gentes humilhado,
Feito verme rastejante pelas sombras,
Retalhos de um ser,
Que nada mais quiz,
tão somente SER!

Izabel Pavesi



FRITZ'S

O local tranquilo onde você pode levar sua esposa ou namorada e esquecer os atropelos do dia a dia.

Funcionando todas as semanas a partir de quarta-feiras.

Rua São Paulo, 777
Fone 22-5659

BLUMENAU
Sta. Catarina

ESTANTE CATARINENSE

A segunda edição do "Cordão"

Após seis meses de incansável luta à procura de um patrocinador, saiu finalmente o número dois de "Cordão" — uma publicação dos autores de Joinville — lançado oficialmente sábado, durante a Feira de Artes e Artesanato, apresentando notáveis métodos de evolução, fruto do trabalho consciente de um grupo de escritores ativos e interessados em progredirem literariamente em suas carreiras, fazendo júz ao único critério observado para que um escritor participe da publicação; que esteja em franca atividade literária.

Estatisticamente, alguns dados comprovam o progresso havido entre o número um, que saiu em dezembro do ano passado, e a presente publicação; no primeiro número, nove autores participaram, sendo que todos eram joinvilenses e, no segundo, são 15 os

colaboradores, dos quais, cinco não são joinvilenses, o que comprova o interesse de abertura maior no sentido de aceitar qualquer tipo de colaboração, contando inclusive, com um autor carioca, Isamar Bersot. Houve progresso também quanto ao número de textos publicados, uma vez que o primeiro número apresentava-se com seis textos em prosa e sete poemas, totalizando 16 páginas, e agora são sete textos em prosa e 13 poemas, totalizando 24 páginas publicadas, sendo que as últimas duas estão em branco, desafiando a imaginação dos leitores que, a seu critério, poderão escrever um conto, poema ou mesmo dedicatória, a algum amigo, passando, desta forma a ser um dos seus escritores.

O leitor mais atento, poderá notar uma superior quali-

dade, nos textos produzidos pelos diversos autores, como admite um deles: Silvio Arlindo Borges, de Garuva, que declarou: "Tenho até vergonha de dizer que "decisão" — publicado no primeiro número — é minha criação, depois que o analisei com mais profundidade e percebi o vazio de conteúdo e de descompromissamento social que ele contém". E este é apenas um exemplo de testemunho de um dos colaboradores nota-se que o compromisso dos leitores, assumido com a publicação do primeiro volume, mais a participação ativa nos debates que os escritores realizam todas as quartas-feiras acerca de literatura e outros temas, levou a maioria a uma conscientização maior de sua responsabilidade com os leitores e melhorasse, assim, seus trabalhos, resultado também, do

compromisso assumido com os companheiros editores, ou seja, o franco e ativo trabalho de criação constante.

Há dias atrás, Silvio declarava que "não justificaria de forma alguma o "Cordão" se não fosse a sua abertura, dando oportunidade para que novos escritores participassem, inclusive de outras cidades, descartando com isso o perigo de tornar-se uma publicação bairrista", o que dá para perceber que não aconteceu. Todas essas inovações que o Cordão adotou sua superioridade em termos de qualidade e volume de publicações e participantes vem justificar, contudo, o preço do seu segundo número que passou de Cr\$ 5,00 para Cr\$ 10,00 cruzeiros, o que não deixa de ser admissível.

CONCURSO DE CONTOS

Foi lançado ontem, nesta cidade, o Oitavo Concurso Nacional de Contos, o mais importante no país na área da ficção curta, que este ano oferecerá prêmios no total de Cr\$ 1,70 mil. A solenidade de lançamento às 11 h, no Palácio Iguazu, com a presença do Governador Jayme Canet Junior.

Poderão participar do concurso brasileiro de todo os Estados, que deverão remeter 3 contos inéditos e originais, cada um deles em seis vias, à Diretoria de Assuntos Culturais, da Secre-

taria de Educação e Cultura do Paraná, à rua Emanoel Pereira, 240, caixa postal 317, até o dia 31 de janeiro de 1978. Os resultados serão anunciados na segunda quinzena de maio do próximo ano.

Uma das alterações do regulamento atual é que o prêmio de Cr\$ 50 mil da categoria geral, será de Cr\$ 70 mil se o vencedor paranaense, o mesmo ocorrendo com os Cr\$ 30 mil da categoria estreante, que serão de Cr\$ 40 mil caso o vencedor seja paranaense. Caso nenhum dos classificados seja paranaense, serão distribuídos prêmios espe-

ciais de Cr\$ 20 mil e Cr\$ 10 mil, nas categorias geral e estreante, destinados autores de contos cogitados para paraense que figurarem entre os primeiros.

O Concurso Nacional de Contos do Paraná foi criado em 1967, por iniciativa do então Governador Paulo Pimental. Durante muitos anos ele figurou como o único concurso, de âmbito nacional, para histórias curtas, e o concurso literário de maior premiação do Brasil.

LIVRARIA ACADÊMICA

AGORA MAIS PERTO DE VOCÊ

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB)

Em novas e modernas instalações.

VISITE-NOS

OPINIÃO

ESSA TAL LITERATURA PRÁ TESTEMUNHO

No atual mundo em que vivemos, esse mundo de pós guerra de capitalismo e ditaduras, com mazelas feitas através da exploração do menor, com adolescentes alienados à cultura, com adolescentes fabricados tipo importação, com estudantes universitários enfezados e ainda assim sendo moidos pela engrenagem; não acredito que haja lugar para a poesia-cor-de-rosa.

Das flores e da beleza tudo já foi dito e tocado. Urge mostrar o fedor das tocas, das prisões e das favelas; da fome dos menores abandonados, dos velhos entulhados nos asilos dos lavradores explorados pelos incentivos; da política estranguladora, dos poetas de ocasião que rasgam a palavra por modismos.

Aqueles que mais precisam de nós são os que estão mais abaixo na existência, aqueles cuja vida é uma luta diária pela simples sobrevivência, a quem falta talento e oportunidade, que vivem no medo dos coletores de taxas e das dívidas. A vida inteira para eles, é um desespero que se arrasta ao som nojento e incansável que lhes pede calma, que lhes pede paciência, que lhes pede tolerância, que lhes pede apoio, que lhes pede aplausos.

Em função dessas agruras que nos oprimem até nos forçar à alienação que nos sobra a Literatura. E na de ficção, na poesia ou na prosa que ainda existe espaço necessário para lutarmos por nossa condição.

Está na hora de fazermos mais social o sentido da poesia no campo da Literatura. Fazê-la mais "uma arma de conscientização e politização de uma qualidade específica: quanto mais poético e artístico, mais momento de reflexão, verdade, lucidez, espanto e crítica". Muito embora, apesar de todos os esforços isso também não constituir grande inovação, pois são os princípios básicos em que Brecht e porque não Maiakovski, fundamentaram sua obra. Mas é válido se aplicado a nossa realidade, porque se a metodologia não é original, as misérias e os usos e abusos por eles denunciados somente chegaram a nossa geração mais criativos e sofisticados.

A literatura catarinense é fraca porque péssima é a sua divulgação sujeita a vedetismos interesseiros.

Mas valores não nos faltam e graças a isto se está ouvindo um alvoroço embora por enquanto, somente um alvoroço. Porque vindo de gente nova. O Acadêmico, O Cordão, O Cogumelo Atômico e o grupo da capital que batalha sobre a teoria do mimeógrafo, como os mais importantes ou que mais se destacam.

Gente que está aprendendo na raça a fazer essa tal literatura. Gente que está mudando a temática, oficializando um trabalho, vendendo a palavra trabalhada. Gente que está tornando Santa Catarina mais integrada no contexto nacional, mais tocável e sofrida e também inserida nos problemas nacionais.

Talvez não seja somente um alvoroço como tantos que já passaram. Talvez uma nova consciência esteja nascendo. Não somente o ser humano mostrado no seu contexto real, mas essa realidade mostrada tal qual é, camuflada e deteriorada pelos tristes de uns "panfleteiros" qualquer; fazedores de intrigas sujas e sujos manifestos.

Acredito na força da poesia como meio de denúncia da fraqueza do homem e do seu ambiente. Das coisas que o cercam e o flagelam. Da visão que o introspecta e o oprime. Dos fatos que deterioram sua condição racional transformando-o em monstro depredador.

Acredito que nós os nânicos, os desconhecidos e que a maioria faz questão da permanência nesse estágio mesmo, somos os ressuscitadores da Literatura Catarinense. Isso porque, tudo o que já se precisou dizer da guerra do contestado e das sucessões na assembleia legislativa já foi dito ou está quase terminado. Isso porque se está começando a trabalhar em grupo ou grupos estão se comunicando, estão se reunindo. E disso talvez surja um conjunto literário homogêneo, um documento de valores que realmente signifiquem a Literatura Catarinense. Além do mais, alguém, parece, descobriu que existe uma Academia Catarinense de Letras cujo atual presidente é o sr. Holdemar de Menezes.

Estão-se partindo os vínculos.

(Maria Odete Onório Olsen)

KOISCE'S

(TITO VILLE)

Exodo Rural —

Nas aulas de Estatística Geral II, houve um excesso de matrículas para as aulas da professora Marli, enquanto o professor Orlando ficou mais ou menos 25 alunos, e ela com a sala super lotada. Pergunto! Qual o motivo da evasão?

- () A matéria
- () O professor
- () A sala
- () Nenhuma das anteriores

Errou de profissão —

Tem um professor que todo o início de ano, faz sua previsão: "No final do semestre 65% dos alunos não passam". E não falha.

Será que ele não quer trabalhar no Instituto Meteorológico?

Filme da semana —

Exodo — Alunos de Estatística Geral A para Estatística Geral B.

Música da Semana —

A volta do Boêmio — Devolução do dinheiro que o Dpto. Financeiro da FURB reteve de propriedade do DCE. (ver edição passada de O Acadêmico).

Profissão Nova —

"Marchand de Manifesto".

Contrastes —

Para o marchand de manifestos: Pouco dinheiro na arte causa nojo, mas bastante é calmante.

Fazendo Humor —

Um diretor entrou em uma sala de aula e viu uma aluna mexendo com um boneco de

papel, ignorando a professora e a mesa redonda (provavelmente para um simpósio) insinuou: "Brincando com bonecos hem! ...É hoje em dia não dá nem para acreditar nos diretores, às vezes eu fico pensando se não existe muitos bonecos por aí, brincando de diretor de faculdade.

Evocações —

... Por este jornal em circulação não é brincadeira: se publicamos piadas, dizem que somos palhaços; se não as publicamos, dizem que estamos sérios demais e precisamos um pouco de humor. Se nos apegamos muito ao trabalho, alguém diz que deveríamos andar lá fora, procurando notícias; se demoramos muito tempo na rua, eles ficam se perguntando onde andávamos, em vez de estarmos aqui para atender aos telefonemas e às visitas de surpresa. Se não publicamos contribuições dos leitores, é porque não apreciamos o gênio; se o fazemos, o jornal fica cheio desse bagulho. Se introduzimos alguma alteração no que outro escreveu, somos excessivamente críticos; se não o fazemos, somos desleixados ou pouco atenciosos. Se transcrevemos coisas de outros jornais, somos demasiado preguiçosos, por não escrevê-las nós mesmos; se não as transcrevemos, é porque estamos dando exagerado valor ao que escrevemos. Vai ver que alguém é capaz de dizer que a gente surrupiou isto de algum jornal... E é verdade.

O xadrez nas escolas gaúchas

Ainda este mês, 19 escolas particulares e estaduais gaúchas terão clubes de xadrez nos cursos de 1º e 2º graus. O projeto será lançado hoje pelo secretário da Educação, Airtor Vargas, e se estenderá até o final do semestre letivo. A idéia, segundo o secretário, "visa o aprimoramento técnico dos alunos em competições locais, estaduais e nacionais". Para a 4ª Delegacia de Educação de Porto Alegre, que teve a iniciativa da medida, ela vai "incentivar a prática do enxadrismo e propiciar o desenvolvimento". Outra justificativa da 4ª Delegacia é a de que "nossos alunos, sempre que participam de competições estaduais ou nacionais, só apresentam resul-

tados apenas razoáveis, devido à falta de uma sistematização de ensino na prática desta modalidade esportiva".

Os cálculos revelam que nas 19 escolas, um total de 23.294 alunos, serão beneficiados pela primeira etapa do projeto que, de acordo com os resultados obtidos nesta fase experimental, deverá ser ampliado a outras cidades e regiões. As 19 escolas escolhidas já possuem salas técnico-pedagógicas em número suficiente. As escolas de 1º grau incompleto não foram incluídas porque não possuem continuidade de estudos na mesma escola, impedindo a "interação vertical e sequência lógica do treinamento".

ENTREVISTA I:

Briga-se pelo direito de falar, mas e a literatura?

— ESTAMOS FALANDO SOBRE PROBLEMAS NOSSOS —

Um bate-papo com o Bráulio e Armim, o 1º. é diretor da Biblioteca Central da FURB, e o segundo é Sociólogo...

Bráulio — ... O pessoal que faz literatura não briga pelo espaço em cadernos literários. Não tem ninguém em S.C. brigando por um espaço num suplemento. Então, quem faz jornal em Fpólis. e mesmo o de vocês, acredito. Vocês vão atrás, vão cobrar... Não, olha, vocês me dão um poema para o dia tal, me dão um conto para o dia tal, na hora de sair o jornal. Acho que este é o maior drama.

B — Quem faz jornal literário, este é o grande responsável, praticamente o único responsável por este movimento que existe em Sta. Catarina. O Jornal O ESTADO tem uma página especial, esta do jornal A NAÇÃO: Caderno dois. Um Jornal literário, um jornal que se propõe a divulgar trabalho literário não existe, a não ser este jornal O Acadêmico, não obstante ser um jornal da universidade onde o que ele apresenta são fatos da vida da Universidade, fatores administrativos. Então, a opinião do universitário, da vida do universitário mas a opinião do intelectual, de quem escreve em S. C. esta é pouco conhecida. Vez ou outra você encontra opinião por exemplo de Ronald Schmidt três ou quatro frases num jornal nacional: J. do Brasil, o Estado de São Paulo.

Tu achas que S.C. já esteve melhor em Literatura?

Ah! sim. não tem nem dúvida. Um exemplo foi o grupo Sul que hoje está com a revista FICÇÃO: Eglê Malheiros, Salim Miguel. Estão no Rio de Janeiro fazendo um trabalho que, em termos de crítica literária, de conto (que a revista Ficção é inteiramente dedicada ao conto).. Então eu achei que o Nu-

nes Pires o Osmar Pisani o Péricles Prade o Marques Rebelo quando estava aqui em Fpólis. ele lecionou na UFSC, também um grande nome e ele tinha uma equipe em torno de si, uma equipe de escritores que se propunha realmente a divulgar literatura. O grupo sul era uma revista essencialmente que divulgava a literatura. Há 20, 30 anos atrás, praticamente.

Com exceção do Salim Miguel, Eglê Malheiros... Outros nomes: Sobrevivem a custa deste passado, mas atualmente quem é que faz literatura? Que continuam ativos, que trabalham com literatura?

Temos pessoas que chegaram de fora. De Pernambuco, Holdemar de Menezes que é considerado um contista pela crítica nacional (pela excessiva crítica nacional) ganhou inclusive prêmio nacional. Outros vieram que trouxeram movimentos literários. O Di Soares (Iaponam Soares) que levantou o material, fez duas antologias sobre contos em S.C.... Agora com o curso de literatura brasileira (pós-graduação) foi revisto todo este material. O levantamento conjuntural da literatura em S.C. nos últimos 40 anos ... A gente verá o movimento, a força que havia antigamente. Nós temos, por exemplo, escritores de fim de semana, quando sobra tempo (isto é o que mais temos em S.C.) que, eles dizem que não tem tempo... mas se tu deres os meios para eles escreverem eles não irão escrever uma linha, porque já estão condicionados a ocuparem aquele espaço no fim de semana para escreverem. Então é uma tertúlia. Então o que falta para este pessoal agora exatamente é o exercício do ofício de es-

crever. A maior parte deste pessoal que está escrevendo, são gente que vem de jornais, que trabalhou em jornais literários, em suplementos, jornalistas.

Você leu esta entrevista que o Jorge Amado deu na revista Veja em que ele falou que: os elementos que tem uma profissão são aqueles que acabam com a literatura, isto é, o elemento que tem uma profissão (que não seja a de escritor) e não depende da literatura, portanto, fazem periodicamente um livro e não dependem da venda do livro para sobreviverem, não podem avaliar os problemas da classe O que tu achas?... Seria isso que tu acabou de falar; do escritor de fim de semana?

Justo. Escritor de fim de semana. O ofício dele não seria o de escrever. Então, a literatura não é uma coisa séria. Agora, nós temos exemplos recentes como o SCLAR de Porto Alegre que era exatamente um contista de final de semana. Que, hoje é um dos escritores aqui do Sul bem sucedido. Ele pode então se dedicar a literatura. É o que ele vem fazendo.

ESTAMOS AQUI (Está faltando a cerveja)

A — Um café já estava bom .

O — A cerveja é uma "boa incentivadora" das divagações literárias.

B — E agora é difícil a gente chegar e... Talvez com uma cerveja...

A — Se bem que eu não estou muito a par, não estou acompanhando este negócio de literatura catarinense.

B — Mas praticamente não existe literatura em SC. O que existe são os escritores de fim de semana. Então é alguém que quer manter o Status de es-

Bráulio Schloegel

critor. Nós temos o seguinte: o pseudo intelectual. Uma que nós não lemos. Tenho visto aqui na Biblioteca, tenho procurado adquirir sempre os últimos lançamentos em literatura nacional e quando vem alguém solicitar eu oriento. O que a gente está vendo agora é esse pessoal que se diz escritor que se diz poeta, publicando muito pouco. Fazendo muitas antologias. Estão republicando o que é uma prova da pouca criatividade desse pessoal. Tu vê muito. Eles publicando coisas de 4 a 5 anos atrás. Muita retrospectiva. É isso o que está acontecendo. Eles não colocam o produto deles hoje para discussão, para a crítica. O jornalismo literário é muito excessivo e não dá também condições assim de alguém chegar e fazerem levantamento crítico da nossa literatura regional. O que acontece é que, por comodismo, ou mesmo para evitar o debate eles se furtam ao diálogo. O que se vê normalmente em conversa é o que você acha do fulano, de tal poesia. Não, excelente; é boa. É o laudatório. É todo o mundo louvando o outro. Não há estudo, não há pesquisa. A nossa própria Academia Catarinense de Letras que poderia, que se diz, tem muita gente nova lá dentro... Acredito que a metade destes acadêmicos são gente nova, então eles quiseram atrair, fizeram aquele movimento, bastava publicar alguns contos em jornais. Tem muita gente neste sentido que nunca publicou nada na vida, que nunca publicou antologias. Só por atividade literária em jornal e está na Academia. Então eu acho esta seleção muito benevolente com relação a este tipo de trabalho.

Esta maneira de querer atrair estes novos é uma coisa falsa. Então, tu nota que há um projeto de livro a serem publicados. Tem dois ou três poetas. C. Ronald publicou um livro recente em termos de poesia; o Marcos Konder Reis que está desligado da vida cultural de SC, não conhece a vida cultural, está muito tempo afastado, mora no Rio, radicado no Rio de Janeiro. Mas como um nome de expressão em SC, seria, o Marcos Konder. Então este movimento de recitais que acontece na Universidade, de apresentar os trabalhos acho uma coisa muito válida, o que o jornal, por exemplo o jornal de vocês está fazendo, também acho uma coisa muito válida. Dando oportunidade de mostrar o que se está fazendo. O que o universitário está fazendo.

Você não acha que o universitário deveria ser educado para a leitura?

Eu acho que o universitário deveria ler. Não digo educado, por que quem entra na universidade ele tem que ter este tipo de experiência. Então, o que aconteceu é que o nível de leitura do novo em geral, não digo só do universitário, é muito baixo. Nós tínhamos em Blumenau a uns 10 anos atrás umas 4 ou 5 livrarias como a Dom Quixote que eram Livrarias que se preocupavam,

não com livros técnicos, quase só com literatura. Livrarias que sobreviveram muito tempo. Vendiam muitos livros. Nessa época eu sei que eu trabalhava na Biblioteca Fritz Müller (biblioteca pública)...

A — 65 66 por aí —

B — Então, hoje nós não temos mais uma livraria na cidade que se

O — Preocupe com literatura

B — E que possam ser chamadas de livraria. Nós temos hoje é livraria, papelaria, são coisas mistas, é uma miscelânea, é material de escritório. Se divulga pouco o livro. Antes, 10 anos atrás, qualquer jornal tinha um rodapé onde falava de literatura, os últimos lançamentos. Hoje nós temos o JSC...

Nós tínhamos numa rádio local um programa do Orestes e do Gervásio Luz, os dois e o título do programa era CINEMA NOVO, então era um programa de meia hora semanal falando somente de cinema, enema novo. Como tinham outros dedicados a música popular.

Como é que a gente pode explicar esta patologia que existe atualmente em termos de Cultura... porque existem dois ou três elementos (e são sempre os mesmos) que estão fazendo e existem outros com um potencial bom para fazer e não fazem?

Eu acredito, o seguinte — o que houve foi quantificação em vez de qualificação, massificou uma série de coisas e aí se perdeu na qualidade. Hoje tu vê o nosso ensino de 2º. grau... Mais de 50% dos que entram na Faculdade provém de Supletivos. São aqueles cursos da chamada xislogia (o cara aprende a ciência do X) aprende a botar o X no cartãozinho do vestibular para passar. Não tenho nada contra o pessoal que faz, mas eu tenho observado que é um público que não está preparado para a literatura. As revistas incentivo que nós tínhamos na Biblioteca Pública para incentivar o pessoal a literatura, principalmente o pessoal do 2º. grau, era muito grande. Hoje a gente vê na BP uma literatura de 10 anos atrás, faltou atualização, faltou ele acompanhar uma série de coisas. As revistas Manchete, Fatos e Fotos, O Cruzeiro traziam crônicas. Estes cronistas eram passos (Rubem Braga, Paulo Mendes Campos)... Era a crônica, o conto e depois o romance. Os nossos professores de literatura desta época pediam para os alunos trazerem uma destas crônicas... O que se ensinava no 2º. grau era Vinicius de Moraes, Paulo M. Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino que eram na época o pessoal que estava preparando essa geração nossa para a literatura. Na geração de hoje, nós não temos isso; temos um Raimundo de Magalhães Jr. que escreve crítica e história sobre literatura; temos a revista Ficção (com muita irregularidade) tu vê que ela

não aparece aqui em Blumenau, não sei porque. A revista Escrita...

O — Nesse pto. acho que sou um privilegiado porque recebo a minha mensalmente.

B — Bom com assinatura...

O — Não. Recebemos de cortesia dos editores.

B — Agora nas bancas ela não aparece. O que prova também o pouco que interesse que existe porque se o pessoal brigasse.

O — Mas uma ou outra recebe... é como o jornal de Letras, tem banca que nunca ouviu falar.

B — Mas é falha então de quem lê, porque não vai lá brigar pelo jornal dentro de sua banca.

A — O meu início de leitura foi influenciado pelo Geraldo Luz na época, pelo Roberto Gomes... Comecei na crônica RB, FS, PMC, Vinicius

O — Henrique Bongetti...

A — De lá é que fui passando para outros... Romances estrangeiros Hemingway, Huxley, não estava também preocupado em fazer curso de letras; acho que aí entra outro problema que existe em termos de estudante, de FURB, mas acho que entra também o sistema educacional imposto no país agora muito preocupado em dirigir a coisa para o especialista, onde ninguém vê mais importância no conhecimento global o sujeito estudante de química o que vai ler crônica, vai ler conto, vai ler um romance, ele não percebe um sentido nisso. Para eles eu acho que estariam construindo uma perda de tempo ler um romance. Ou ler poesia. Então este é um novo fator que tenho percebido. O estudante não está preocupado em termos de cultura; é como o Bráulio disse, ele não tem culpa. Quer dizer, a culpa está no sistema, que foi criado tema... Teria um pouco de culpa, mas a para dirigir o indivíduo para este pto. de vista. Ele não lê jornal. Pelo menos em um ano e meio que estou na FURB nunca vi um estudante andar com um Pasquim em baixo do braço.

O — Tem uns que são exagerados, porque eles andam com o mesmo durante umas quatro semanas.

A — Um ou outro eu vejo na sala de aula. Mas o Pasquim, Movimento, o Opinião que já fecharam, uma revista Veja, uma revista Isto É ou um jornal um pouco melhor do que o daqui um Est. de São Paulo, Um Jornal do Brasil, você não vê isto no estudante, ele não tem este hábito de ler, pelo menos duas ou três vezes por semana comprar o jornal e ler. Não digo todo o dia comprar o jornal, daí claro entra outro fator, econômico, financeiro... Se isso acontece é raro, ou em pequenos grupos.

B — Uma campanha para orientar para determinado tipo de leitura na escola, eles pedem... Eu acho que o inte-

resse em si para um tipo de trabalho intelectual de contos como aconteceu com este concurso do Unibancos que apareceram mais de cinco mil concorrentes e os ganhadores são todos gente de 24 anos, gente nova, então prova que há interesse, então esta má orientação, má divulgação da literatura; uma das falhas são bibliotecas; Blumenau deveria de ter no mínimo mais umas cinco Bibliotecas pelo potencial, pelo desenvolvimento, pela população caberiam perfeitamente nos colégios de Bairros. Tu ve, nossos colégios, são poquíssimos que dão uma orientação ao aluno. Outra falha é na orientação para a literatura para o pessoal ler. O professor chega na sala de aula e diz: olha eu quero que todo mundo leia um romance. Aqui na Biblioteca, eu atendo gente que quer ler sobre Eça de Queiroz; então eu pergunto o que é que tu já lês de Eça de Queiroz? E eles dizem que nunca leram um livro de literatura na vida. E vão exatamente começar por Eça de Queiroz. Então, é difícil; um estilista de primeira linha. Ele deve começar por contos. Por coisas que o aluno entende. Nós temos aí contistas, por exemplo João Antônio, Ignácio de Loyola, o Scliar que tem bastante livros publicados, o Veiga.

A — A Ática lançou agora um livro de contos como Drummond, Rubem Braga, Vinicius, tá, então acho que aí torna-se uma boa este troco aí tá. Começar, então a questão é como você começar e ir, você levar adiante. Porque normalmente estas tentativas de grandes editores de livros didáticos, também não tem uma sequência lógica, de continuidade... Então o que tem de coisa nova, de tentativa de começar e depois desaparece e no outro ano já mudou todo o esquema, também não está no gibi entende, o problema tá como organizar e dar uma continuidade. Bom o cara segue tal corrente e amanhã eles vão tornar as coisas mais complexas já, então deixa a crônica de lado, deixa o conto de lado e passa para um romance mas dentro de uma linha de escritores contemporâneos até mesmo de de contos infantis destes mesmos autores tem. Então é coisa que você compra assim e que você encontra eventualmente num canto de uma Livraria, tá lá todo sujo.

B — A literatura infantil praticamente inexistente. Também esta foi uma falta de preocupação das livrarias e das editoras e também em informar o público; antigamente, eu conheci livros da Melhoramentos, de literatura infantil e tinha aquela série de fábulas do Esopo, então para crianças de oito ou nove anos. A turma lia. Hoje com a literatura, como é?... a literatura em quadrinhos, revistas em quadrinhos. A ed. Ao Livro Técnico lançou agora um livro, mas é pouca coisa para atingir um público muito grande... Mas a falha mesmo está na falta de livrarias, bibliotecas; nas escolas...

O — O ideal seria então catequizar as crianças desde o princípio. Formando.

B — Formar um público para a leitura. Começar pelo primeiro grau... Uma professora que a escola deixa para cuidar da biblioteca, fazer o jornalzinho, esta seria a pessoa para analisar e acompanhar o tipo de leitura em concordância com os professores de português para fazer com que as crianças aprendam o que está lendo. Eu acho que o problema do nosso estudante é que ele não entende o que está lendo. Ele sabe ler mas não digere o produto.

O — Em termos de universitários o que é que se poderia fazer hoje para se motivar a leitura? ... Com as crianças é mais fácil, você pode educar... Mas com universitários a coisa é diferente.

B — Universitários. Também depende da maturidade e da divulgação dos trabalhos. Eu acho que eles vão criar algum interesse. Jornal por exemplo. Publicando... Jornal literários, eu acho que se cada escola...

...O — Mas temos que usar de artifícios... Como você falou antes, que o nosso jornal estaria mais voltado para os problemas da Universidade...

B — Digo, os jornais Universitários. Porque o jornal de vocês eu acredito que seja o único em Sta. Catarina feito por estudantes... Como o da UDESC da Federal, eles tem o jornal da Uni-

versidade, então as notícias que são publicadas são de interesse da Universidade, então dificilmente eles publicam conto, poesia, crítica literária. Então, o jornal é dirigido a informação, é roticiário praticamente na universidade e é diferente do jornal feito por estudantes. No tempo que eu estudei no colégio D. Pedro II no ginásio e mesmo no clássico, nós tínhamos um jornal de classe, eu fui redator de um jornal de classe, depois no clássico nós tínhamos uma academia literária onde fazíamos declamações, dramatizações, oratória, também divulgamos bastante. Hoje o que falta realmente é um CENTRO, o universitário nosso não cria centro de debates. Se a universidade criasse um centro de debates, estimularia o estudante a se interessar por problemas como este de literatura. Centros de estudo, Academias. A função dos Diretórios que seria pela própria lei, função recreativa, cultural, eles deveriam se dedicar. Eu não conheço um Diretório que tenham um centro de debates onde eles convidam escritores para debater por exemplo problemas de literatura. Aqui em SC mesmo, quantos escritores que poderiam vir dialogar com os estudantes sobre o que se está fazendo. Talvez o próprio escritor pudesse saber o tipo de público... Se o público é universitário que é a melhor classe que se tem para trabalhar imediatamente com literatura. O nosso estudante não está preocupado com este tipo de atividade.

A — Não quero criticar em termos a Biblioteca, mas o próprio Diretório poderia criar, talvez uma biblioteca só de romances. Não entrar na área específica...

B — Não, eu acho importante. Estas opiniões são muito importantes...

A — Inclusive criar uma sala de leitura lá também.

O — É. Nós pretendemos fazer isto com o Clube de Xadrez. Tem um ambiente muito bom lá... Agora, isto são iniciativas isoladas o Diretório apenas apóia, o que já é uma grande coisa... Apenas apóia, se você levar um plano, então eles apoiam.

AGROJARD

TERRENOS E CASAS FINANCIADOS

IMOBILIÁRIA
PROJETOS E MEDIÇÕES

MUDAS ORNAMENTAIS E ECONÔMICAS (KIRI)

O INVESTIMENTO SEGURO E RENTÁVEL ESTÁ NA
AGROJARD — IMOBILIÁRIA CRECI - 205

Rua São Paulo, 732
Fone: 22-06-31

BLUMENAU
SANTA CATARINA

LIVROS RECOMENDADOS

A MORTE DE D. J. EM PARIS — 2ª. edição

Roberto Drummond
 Coleção Nos o Tempo
 104 páginas — Cr\$ 25,00

Roberto Drummond, 4 anos depois de ter vencido o IV Concurso de Contos do Paraná, continuava inédito como autor de livro. Quem o revelou para o grande público foi a Ática, que por acreditar bastante na qualidade de seus contos, editou-o como raramente se lançam autores novos nesse país: A Morte de D. J. em Paris foi ilustrada por Elifas Ardeato, e com uma tiragem de 30.000 exemplares.

Confirma-se agora, a previsão e a expectativa da Ática sobre Roberto Drummond: seu livro esgotou-se e a editora está distribuindo sua 2ª. edição.

O lançamento de A Morte de D. J. em Paris obteve ampla repercussão na imprensa de todo o país. Seleccionamos algumas das críticas publicadas:

"Alucinação e realidade convivem, entranham-se. Drummond tira efeitos líricos, pungentes, de um mundo roto desesperado, onde a loucura se generaliza, é artigo do dia vendido a preço de liquidação" (Hélio Pólvora, *Jornal do Brasil* de 25-6-75).

"Com D. J. (...) Drummond recobra o lirismo dos bêbados e dos clowns de que falava Manuel Bandeira" (Affonso Roman ode Sant'Anna, *Veja* de 25-6-75).

"Diante de um enigma tão fascinante, instala-se uma obra-prima da nossa narrativa moderna, onde o cotidiano, o real-diário-diário e palpável torna-se ilusório e ao mesmo tempo concreto: apavorante" (Márcio Farias, *Jornal de Brasília* de 26-7-75).

"Verdade mesmo é Roberto Drummond que faz da literatura um espetáculo muito bacana, difícil de explicar. Um bruxo. Por isso, seu sucesso é completo" (José Nava, *Estado de Minas* de 9-10-75).

"Não se pode esquecer, sobretudo em Roberto Drummond, a importância fundamental que ocupa a ironia na estrutura da narrativa" (Antônio Hohlfeldt, *Correio do Povo* de 25-10-75).

"Ao mesmo tempo que Roberto Drummond coloca o espectador emocionalmente dentro das situações que cria, ele o afasta clarificando a condição de espetáculos a serem vistos, lidos, analisados, mas não vividos" (Marcos Ribas de Faria, *Opinião* de 20-6-75).

EDITORA ÁTICA
 Rua Barão do Iguapé, 110
 CP 8659 — São Paulo

1. CRISE NO SISTEMA MUNDIAL: POLÍTICA E BLOCOS DE PODER
 José Agustín Michelena
2. MODERNIZAÇÃO SEM MUDANÇA: INDÚSTRIA AÇUCAREIRA EM PERNAMBUCO 1840-1910
 Peter L. Eisenberg
3. CARTAS A GUINÉ-BISSAU: REGISTROS DE UMA EXPERIÊNCIA EM PROCESSO
 Paulo Freire
4. O ESTADO E O DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA NO BRASIL: A CRISE FISCAL
 Herbert de Souza e Carlos A. Afonso
5. AS CLASSES SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA (vários autores - coordenação de Raúl Benítez Zenteno)
6. A QUESTÃO AGRÁRIA E O CAPITALISMO
 Samir Amin e Kostas Vergopoulos
7. CAPITALISMO E ESCRAVIDÃO NO BRASIL MERIDIONAL
 Fernando Henrique Cardoso (2ª. edição)
8. POLÍTICA E TRABALHO NO BRASIL
 Paulo Sérgio Pinheiro (2ª. edição)
9. AÇÃO CULTURAL PARA A LIBERDADE
 Paulo Freire (2ª. edição)
10. OS PARTIDOS E AS ELEIÇÕES NO BRASIL (vários autores — coordenação de Bolívar Lamounier e Fernando Henrique Cardoso)

Importante livro acaba de ser lançado pela Editora Paz e Terra: IDEOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO — BRASIL: JK/JQ; de Miriam Limoeiro Cardoso, Diretora do Departamento de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O livro foi publicado inicialmente em espanhol, pela Editora Siglo Veintiuno do México. Dada a sua importância, a Paz e Terra resolveu editá-lo em sua versão original em português.

Trata-se de uma tese de doutoramento, que constitui trabalho exemplar de investigação sociológica crítica.

Nele, Miriam Limoeiro Cardoso contrapõe os discursos dos dois presidentes (Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros), analisando a política de cada um através da análise estrutural desses discursos, dando todo o panorama histórico da época de cada um daqueles presidentes.

Um livro indispensável para quantos se interessem pela análise sociológica, que está sendo adotado pela PUC como bibliografia indispensável para o segundo semestre.

Cr\$ 100,00

EDITORA PAZ E TERRA S/A
 Rua André Cavalcanti, 86
 SC — 06 — Fátima
 20,000 — Rio de Janeiro — (RJ)

FILOSOFIA DA COMUNICAÇÃO E DA LINGUAGEM

— Márcio Tavares d'Amaral —

"Os estudos que integram esta obra, todos de alto nível intelectual, examinam questões da maior importância teórica e, por instigantes e ricos de conteúdo, estão destinados a interessar aos estudiosos em geral e, notadamente, a professores e estudantes que lidem com as idéias nos campos da filosofia, da comunicação, da poesia e da semiologia, para dizer o mínimo.

É duplo o objetivo dos ensaios aqui reunidos: indagação sobre a essência da comunicação e da linguagem e exploração de uma certa possibilidade filosófica. E do primeiro motivo que se trata em cada um dos trabalhos, mas é na direção do segundo que se dirige o próprio modo de perguntar.

Márcio Tavares d'Amaral é espírito preocupado com as indagações mais altas que o homem pode propor. Ama as idéias e, antes de mais nada, quer distinguir os seus muitos modos de ser, para atingi-lhes a essência".

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA / MEC

ARTE, FOLCLORE, SUBDESENVOLVIMENTO
 — Souza Barros —

"Souza Barros é, essencialmente, um sociólogo, mas é também, junto com isso um humanista e um universitário no sentido lato da palavra. Como tal, possui uma visão ampla e abrangente dos fenômenos da civilização, e como administrador de serviços públicos, tem um conhecimento profundo dos problemas característicos da população, desde a formação histórica e etnográfica às sutilezas do desenvolvimento cultural.

Obra de caráter prospectivo, Arte, folclore, subdesenvolvimento ocupa um lugar de destaque entre os melhores subsídios para estudos dos problemas brasileiros".

ED. CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
 Rua Muniz Barreto, 91-93
 Rio de Janeiro — RJ

Encaminhe um analfabeto a um posto do MOBREAL

EDUCAÇÃO

EDUCAR PARA A SOCIEDADE: um posicionamento controvertido

A sociedade humana é uma imensa máquina e cada indivíduo representa uma peça dessa máquina. Não obstante alguns filósofos, oriundos do Existencialismo, apregam a idéia de que o homem é um solitário por natureza, e que a razão de toda a gregariedade humana reside na soma dos temores que o assaltam ao longo de sua caminhada, desde o berço até a morte, somos forçados a pertencer a um mecanismo social. Ninguém pode fazer nada isoladamente.

Embora as pessoas nasçam com diferenças profundas umas em relação às outras, é forçoso adequar-se às exigências do complexo mecanismo social. Isto implica, inclusive, no seríssimo conceito de Liberdade. Há um tipo de comportamento-padrão que varia de acordo com as sociedades. E todo o indivíduo que pertencer a uma sociedade, deve, obrigatoriamente, sob pena de sanção, adotar esse comportamento-padrão. Talvez seja necessário acrescentar que a denominação "comporta-

mento-padrão" abarca toda uma maneira de pensar, toda uma filosofia de vida. É o que se chama de "consenso". E vale lembrar que, na maioria das vezes, esse "consenso" não passa de um conjunto de idéias criadas por uma elite e apresentadas às massas sob forma de propaganda, visando unicamente ao proveito em favor dessas mesmas elites.

O intelectual e o artista são tipos de indivíduos que tem idéias próprias. O "consenso" para eles não conta. Por isto mesmo, em certas sociedades esse tipo de pessoas é muito visado. São vistos, em geral, como seres curiosos quando não como uma ameaça ao bem-estar social. Os regimes totalitários (o comunismo, por exemplo) têm particular aversão aos artistas e intelectuais. Suas idéias representam, muitas vezes, um perigo, quando disseminadas entre as massas.

Diante disto, que papel cabe à escola desempenhar? O de tomar a matéria-prima humana e transformá-la em

peças perfeita e exatamente encaixáveis na máquina social?

Educar para a sociedade significa bulir na individualidade do ser humano, polir as arestas do temperamento e da conduta individuais, criar seres "bonzinhos" e "obedientes", muitas vezes transformados em autômatos sem vitalidade própria, existindo em função da máquina social.

A escola, a nosso ver, não deve levar a socialização ao extremo, mas prever uma margem bastante elástica na aceitabilidade dos comportamentos individuais a fim de evitar que a socialização se torne "bitolamento".

Por: ANTÔNIO JURACI CARLINI

Professor, Jornalista e Escritor
Licenciado em Letras pela FURB;
Especialização em Linguística pela ACADEMICO/FURB/UFSC;

Especialização em Didática para a Escola de 1º e 2º. Graus na Faculdade de Ciências Bio-Psíquicas da USP; vários cursos de extensão; membro do Círculo Brasileiro de Parapsicologia.

A PALAVRA DO PRESIDENTE

Eduardo Pokrywieski por ocasião da exposição de armas promovidas pelo 23º. BI no hall de entrada da FURB, e suas palavras de abertura.

Senhores:

- Todos os característicos deste momento, a magna data que realça o calendário cívico, todo o aspecto das salas universitárias que dentro em instantes lhes vão ser franqueadas, a presença das figuras mais representativas da Administração e da Intelectualidade de Blumenau, tudo isto é indicativo da primordial intenção que norteia este encontro.
- É homenagear o Exército Brasileiro, na semana que lhe é consagrada em reverência à memória do glorioso Duque de Caxias, o benemérito Pacificador. A tranquilidade externa e interna que devemos à atuação das Forças Armadas nos obrigam a este preito e reconhecimento que com toda a estima rendemos ao digno comandante do

23º. Batalhão de Infantaria, e na pessoa dele a todos os seus comandados.

- Objetiva esta promoção conjunta do Diretório Central dos Estudantes, da Reitoria da Universidade e do 23º. BI, desvendar aos olhos dos brasileiros o notável avanço que tomou a indústria da sua pátria no setor de armamentos, porquanto todo o material aqui exposto é de fabricação nacional.
- Considero sobremodo eloquente o fato de dar-se esta Exposição exatamente no prédio universitário. É cabal argumento de que o exército brasileiro, longe de constituir uma grei à parte, muito ao contrário articula as suas atividades com as daqueles que militam em setores paralelos: da economia, da saúde, da educação, do lazer, do aprimoramento físico, e de outros semelhantes. E observo ainda que, em falando como Presidente do Diretório Central Universitário, represento elevado número de estudantes membros do exército, que aqui buscam novas oportunidades de melhor servir sua pátria.
- Tenho certeza, senhores, de que a visita a esta Exposição justificará o orgulho de sermos brasileiros.

ASSINATURAS Cr\$ 50,00 anuais

JORNAL "O ACADEMICO"

C.P. 1124 — 89-100 — Blumenau — Santa Catarina

Nome

Rua N.º

CEP

Cidade Estado

Em Florianópolis você compra o Jornal

O ACADEMICO

na distribuidora de Livros, Jornais e Revistas

ILHABEL

Rua Anita Garibaldi, 37
Flópolis — Santa Catarina.